

EDITORIAL/APRESENTAÇÃO



A verdadeira pandemia a ser enfrentada é a da perversidade sistêmica globalitária

O mundo globalizado é caracterizado pela aceleração e interconexão de toda ordem, onde flui freneticamente informações, “dinheiro”, mercadorias e pessoas. O ritmo da aceleração e o grau da interconexão é dado pelo mercado global que lança seus tentáculos por todo o planeta, abarcando tudo e todos. Para esse mercado, na operação da esfera do sistema financeiro, o tempo é imperioso e cada fração de segundos pode resultar em perdas ou ganhos milionários. É um sistema baseado na alta tecnologia e, em tese, pouco dar atenção ao tempo lento e aos ciclos da natureza. Contudo, de repente, por conta de um organismo natural (o novo coronavírus SARS-CoV-2) surgido na cidade de Wuhan, capital da província de Hubei, China, que provoca uma doença conhecida por Covid-19, fez o mundo reduzir drasticamente seu ritmo, desacelerando e mesmo paralisando várias atividades econômicas, com o confinamento das pessoas em seus países e em suas casas, visando manter o isolamento territorial e social e tentar evitar a transmissão do vírus.

Aproveitando justamente o lastro técnico que permite a própria existência da globalização, o vírus se difunde rapidamente pelo mundo, atingindo todo o ecúmeno, sem ser barrado por fronteiras entre países, divisões étnicas ou religiosas, abrangendo latitudes e longitudes nos seus limites, não poupando ricos, mas não deixando de castigar mais severamente os pobres do mundo, justo por não terem melhores condições e apoio governamental para o enfrentamento da doença Covid-19. A interconexão técnica dos meios de transportes que asseguram o deslocamento de pessoas - tão crucial para o funcionamento do sistema econômico global – passou a ser tratado como um problema ao facilitar a difusão do vírus.

Em 31 de dezembro de 2019 autoridades chinesas alertaram a Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre a ainda desconhecida Covid-19. O primeiro registro de uma pessoa infectada com o vírus fora da China data de 13 de janeiro de 2020, na Tailândia, nos Estados Unidos no dia 21 e na França no dia 24. Em 28 de janeiro é detectado na Alemanha e no Japão casos de pessoas infectadas que não estiveram na China. No dia 30 do mesmo mês a OMS já considera a epidemia de emergência de saúde pública de alcance internacional. Daí por diante gradativamente vai crescendo os casos de infectados e mortos por todos os continentes. Várias medidas restritivas como interrupções de viagens e isolamento social são anunciadas. Os países passaram a fechar suas fronteiras e a paralisia global começa a tomar forma, numa espécie de pausa no movimento

do mundo. Contudo, as restrições fronteiriças pareciam porosas para o vírus e a escala de disseminação e morte só cresceu. Dia 11 de março a OMS declara que a Covid-19 é uma pandemia global, portanto um problema de saúde mundial. A crise pandêmica vai além de ser uma questão apenas de saúde física e mental; a Covid-19 é apenas um gatilho, assim como foi a bolha imobiliária americana de 2008, que dispara picos periódicos de intensidade da crise estrutural que vivemos. Infelizmente o debate tende a ser centrado apenas na saúde econômica corporativa, sem preocupação com os mais frágeis socialmente (como sempre!).

O principal veículo do vírus entre países foi o transporte aéreo, triunfo e trunfo da globalização. Homens de negócios e turistas que podem realizar viagens internacionais disseminaram o SARS-CoV-2, tornando a atual pandemia como aquela que se propagou rapidamente no espaço mundial de toda a história.

Com as medidas isolacionista praticadas por países, ao fecharem suas fronteiras para forasteiros, restringindo inclusive seu espaço aéreo, o setor de aviação comercial despencou, chegando a cair 80,06% em 23 de abril deste ano em comparação com mesmo dia de 2019 (ver gráfico). A constatação da queda do setor aéreo comercial serve de parâmetro para se ter uma ideia do quanto o mercado global foi impactado. Como esse mercado global funciona degradando e poluindo o ambiente, outra mostra do impacto ocasionado pelo isolamento é verificada nos registros de baixa na poluição antropogênica na atmosfera.

Gráfico: Total de voos comerciais em período selecionado 2019-2020



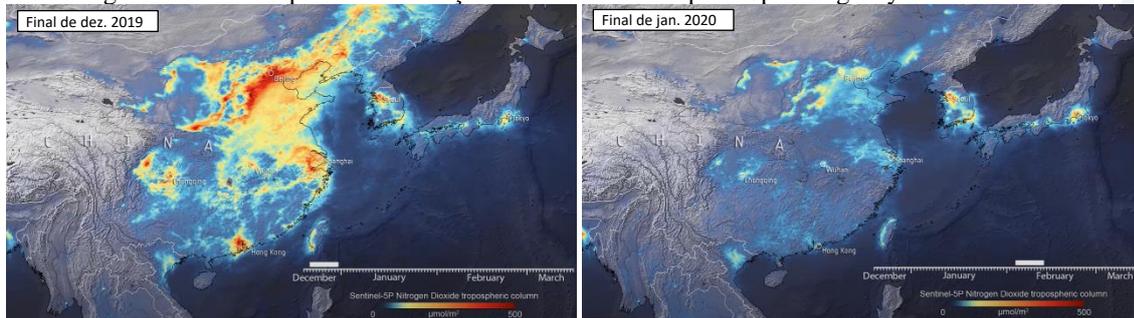
All scheduled flights operated by an airline are considered as commercial. Private flights and light aircraft are not considered.

Fonte: <https://www.radarbox.com/statistics/total> (acesso em 12/09/2020).

Imagens de satélite revelam a diminuição significativa da poluição em várias partes do mundo devido as medidas de isolamento social. A figura abaixo é uma mostra do que ocorreu no país epicentro do novo Coronavírus, a China. As imagens revelam a concentração de dióxido de nitrogênio na atmosfera em dois momentos: final de dezembro de 2019 e final de janeiro de 2020, data que coincide com a decretação de quarentena nacional na China. A concentração de dióxido de nitrogênio na atmosfera é proveniente, em parte, de fontes antropogênicas como processos de combustão em meios de transportes, máquinas, usinas termelétricas e fábricas.

Figura: Concentração de dióxido de nitrogênio na China 2019-2020 (períodos selecionados)

Obs.: Imagens montadas a partir de animação em vídeo da European Space Agency com dados



do satélite Copernicus Sentinel-5P, mostrando as concentrações de dióxido de nitrogênio usando uma média móvel de 10 dias.

Fonte: Modificado da European Space Agency.

Disponível em: https://www.esa.int/Applications/Observing_the_Earth/Copernicus/Sentinel-5P/COVID-19_nitrogen_dioxide_over_China (Acesso: 13/09/2020).

Autoridades de diferentes países do mundo apostaram no controle de suas fronteiras e no isolamento social, aplicando medidas restritivas a circulação de pessoas, como medida capaz de evitar ou amortecer a propagação do novo coronavírus. Ou seja, atitudes que confrontam de frente com as fábulas da globalização da livre circulação pelo espaço mundial.

No atual período da globalização, o caso da pandemia mundial de Covid-19, faz as contradições do capitalismo serem ampliadas e ganhar relevo íngreme nas relações sociais e na vida cotidiana. Compreender o que enfrentamos no mundo neste contexto pandêmico requer não ficar preso apenas no vírus, na doença e nas mortes, mas exige uma abordagem totalizadora, que alargue os contextos e inclua toda complexidade do mundo do presente.

Milton Santos nos ensinava que para entender qualquer fase da história há dois elementos fundamentais e inseparáveis que são o estado das técnicas e o estado da política (SANTOS, 2001). O extraordinário estado atingido pelas técnicas, notadamente às de deslocamento de pessoas, terminou por ser um potencializador na difusão do novo coronavírus. Harari (2020) relata que, na percepção de alguns, o mundo globalizado seria o culpado pela epidemia do novo coronavírus e a solução seria desglobalizar, erguer muros e barreiras restritivas. Porém, como assertivamente acrescenta o historiador: “O verdadeiro antídoto para epidemias não é a segregação, mas a cooperação”. Ora, o problema real não é meramente técnico, não diz respeito apenas as facilidades oferecidas pelos transportes que interconectam o mundo, mas trata-se de uma questão que deve ser enfrentada na esfera política.

Harari (2020) tem razão ao tratar da cooperação internacional para o enfrentamento epidêmico global, afinal, segundo ele

[...] a história indica que a proteção real vem da troca de informação científica confiável e da solidariedade global. Quando um país é atacado por uma determinada epidemia,



deve estar disposto a compartilhar honestamente as informações sobre o surto, sem medo de uma catástrofe econômica, ao passo que os outros países devem ser capazes de confiar naquela informação, dispondo-se a estender uma mão amiga em vez de deixar a vítima no ostracismo. Hoje, a China pode ensinar uma porção de lições importantes sobre o coronavírus para o mundo inteiro, mas isso demanda um alto nível de confiança e cooperação internacionais. A cooperação internacional é também necessária para medidas eficazes de quarentena. A quarentena e o toque de recolher são essenciais para interromper a propagação da epidemia. Mas quando os países não confiam uns nos outros e cada nação sente que está por conta própria, os governos hesitam em adotar medidas tão drásticas.

Existe de fato a necessidade da solidariedade global e da cooperação para o enfrentamento de questões que são globais, como é o caso da pandemia atual. Mas, apesar da necessidade, não podemos esquecer que no período da globalização a perversidade reina e a competitividade é louvada e premiada com troféus meritocráticos, deixando a solidariedade minguada e rotulada negativamente de vitimização e sinônimo de fraqueza. Nesse sentido, Milton Santos, sabiamente já constatava na última década do século passado que a globalização, da forma negativa como é, não passa de uma fábrica de perversidades, na qual “alastram-se e aprofundam-se males espirituais e morais, como o egoísmo, os cinismos, a corrupção” (op. cit., p. 20), que não podem ser entendidos sem levar em consideração os comportamentos competitivos que agem sem pudor moral e ou sentimento de culpa ao usar quaisquer que sejam os meios para atingirem seus fins. Quando a vida cotidiana, os negócios... a esfera da política supervaloriza tão somente a competitividade, chegando até a ridicularizar ações solidárias e de cooperação, não se pode esperar nada mais do que o recrudescimento da crise e o fortalecimento da tirania da perversidade. Da mesma forma, quando o estado da política é caracterizado pelo predomínio da competitividade despudorada não se pode esperar bons resultados, inclusive na condução e uso das técnicas. Por conta desse comportamento,

Hoje, a humanidade enfrenta uma crise aguda não apenas por causa do coronavírus, mas também pela falta de confiança entre os seres humanos. Para derrotar uma epidemia, as pessoas precisam confiar nos especialistas, os cidadãos precisam confiar nos poderes públicos e os países precisam confiar uns nos outros. Nos últimos anos, políticos irresponsáveis solaparam deliberadamente a confiança na ciência, nas instituições e na cooperação internacional. Como resultado, enfrentamos a crise atual sem líderes que possam inspirar, organizar e financiar uma resposta global coordenada. [...]. Xenofobia, isolacionismo e desconfiança agora caracterizam a maior parte do sistema internacional. Sem confiança e solidariedade globais não seremos capazes de parar a epidemia do coronavírus, e é provável que enfrentemos mais epidemias desse tipo no futuro. Mas toda crise é também uma oportunidade. Com sorte, a presente



epidemia ajudará a humanidade a perceber o grave risco imposto pela desunião global. (HARARI, 2020).

Pelas constatações, para vencermos a crise epidêmica e, principalmente a crise-período da globalização perversa, muitas fronteiras e muros precisam serem derrubados, sejam físicos ou, principalmente no campo político e ideológico. A “crise aguda” de que fala Yuval Harari na citação acima, já havia sido diagnosticada e explicada fartamente e com competência por Milton Santos no final da década de 1990 no livro *Por uma outra globalização*. Segundo Santos (2001, p. 57) “A necessidade de capitalização conduz a adotar como regra a necessidade de competir em todos os planos”, daí países, regiões, cidades, empresas e pessoas entram numa guerra competitiva de todos contra todos, tornando-se “também uma regra da convivência entre as pessoas”, não deixando espaço para cooperação e solidariedade. Para lastrear a competitividade, “criam-se, desse modo, novos ‘valores’ em todos os planos, uma nova ‘ética’ pervasiva e operacional face aos mecanismos da globalização”. Para facilitar o entendimento de qual competitividade estamos falando, Santos (2001, p. 57) nos alerta que,

Competir e concorrer não são a mesma coisa. A concorrência pode até ser saudável sempre que a batalha entre agentes, para melhor empreender uma tarefa e obter melhores resultados finais, exige o respeito a certas regras de convivência preestabelecidas ou não. Já a competitividade se funda na invenção de novas armas de luta, num exercício em que a única regra é a conquista da melhor posição. A competitividade é uma espécie de guerra em que tudo vale e, desse modo, sua prática provoca um afrouxamento dos valores morais e um convite ao exercício da violência.

Com a globalização da competitividade como regra geral e caminho a ser seguido obedientemente, somado a ideologia neoliberal que atribui a condução do processo político às grandes empresas e com a conformação e alienação da opinião via mídias que substituem debates civilizatórios pelo discurso único do mercado, termina por imbuir nas pessoas e nos objetivos das empresas uma situação “[...] na qual se produz a glorificação da esperteza, negando a sinceridade, a glorificação da avareza, negando a generosidade. Desse modo o caminho fica aberto ao abandono das solidariedades e ao fim da ética, mas, também da política” (SANTOS, 2001, p. 60-61).

Infelizmente, em continuando o mundo como está, não será uma vacina contra a Covid-19 que conseguirá vencer a crise, esta é muito mais profunda e necessita de uma outra vacina muito mais radical para deter o pior vírus de todos: a perversidade sistêmica globalitária. A crise apenas está em seu começo. Passada a fase pandêmica de saúde entraremos numa ainda mais aguda de crise econômica e, principalmente, crise social. O que vivemos atualmente não é uma particularidade de um país, mas de um sistema produtivo que não consegue sair da crise, antes apenas cíclicas, mas agora permanente.

Apesar de todo o diagnóstico e o testemunho de viver uma realidade do mundo desoladora, precisamos nos encorajar para construir um outro mundo possível,



baseado na solidariedade e na compaixão como regras que todos e todas devam buscar obter o maior êxito possível no seu cumprimento, merecendo todos os louvores. Neste mundo do reino da solidariedade e da compaixão, a política será vivificada tendo como fim conduzir a humanidade a uma consciência universal holística e harmônica, usando da cooperação na resolução dos problemas, submetendo todo o potencial do progresso da ciência e da técnica a servir a humanidade com equidade. Nesse mundo desejado, mas possível, desafios como a atual da Covid-19 serão bem mais fáceis de serem enfrentados e vencidos, porque será um problema encarado como sendo da humanidade como um todo, não de países ou de empresas.

Referências:

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal**. 7ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2001.

HARARI, Noah Yuval. **Na batalha contra o coronavírus, faltam líderes à humanidade**. (Trad. Odorico Leal). São Paulo: Companhia das Letras, 2020 [e-book].

- *** -

Apresentação

Apesar do todo o exposto no editorial deste número, temos a satisfação de oferecer ao nosso público leitor mais uma edição da **Revista GeoSertões**. Nesta ocasião estamos disponibilizando um maior volume de artigos que seguem a linha da diversidade temática e de perspectivas teóricas e metodológicas que marcam todas às edições anteriores deste nosso periódico eletrônico.

Iniciando os artigos, contamos com a contribuição de Aiala Colares Couto, que trata justamente das “dimensões geográficas da necropolítica do vírus”, ou seja, o autor vem nos “apresentar uma reflexão analítica acerca das dimensões geográficas que a necropolítica produziu a partir do projeto de modernidade e que estão sendo reforçadas com a pandemia”. Apesar das análises não mostrarem uma realidade animadora, o autor defende que precisamos urgentemente de um melhor projeto para a humanidade.

As reflexões de Ernesto Gomes Imbroisi sobre “a produção capitalista da natureza e a teoria do valor-trabalho: em busca dos elos necessários para a compreensão do capitalismo contemporâneo”, nos faz pensar, entre outras questões, sobre a transição da produção do espaço enquanto valor de uso para sua produção enquanto valor de troca. São reflexões calcadas em teorias marxistas, focando no movimento de transformação da natureza em mercadoria no escopo da teoria do valor-trabalho. O autor finaliza apontando “para a necessidade de desenvolver uma teoria do valor, capaz de compor e integrar as dimensões da cultura, da economia e da ecologia e que consiga expressar os novos usos e apropriações capitalistas da natureza”.

Ainda seguindo uma linha crítica e querendo entender a realidade no contexto contraditório do capitalismo, Júlia Pereira de Sousa Cunha, Ycarim Melgaço Barbosa e Bruna Guimarães oferecem-nos o estudo “o sistema capitalista de



favorecimento: uma análise acerca da acumulação permanente de capital e o programa regulariza em Goiás”. Neste artigo é apresentado uma análise normativa de uma lei do estado de Goiás e as possibilidades de favorecimento a uma grande *holding* que se destaca no seguimento de produção de proteína animal. O estudo explora relações do que as autoras chamam de “capitalismo de compadrio” envolvendo favores políticos e vantagens fiscais.

Trazendo a temática intraurbana para o debate no contexto desigual do capitalismo, Iara Soares de França, em um estudo do caso de Montes Claros – MG, vem nos falar da “urbanização contemporânea e desigualdades sociais” nesta cidade brasileira, mostrando a expressão espacial e representando em mapas. A autora acredita que por meio dos governos e de novas formas de gestão urbana é preciso ações que atendam as demandas sociais para amenizar os problemas de ordem ambiental, social, estrutural e econômico.

Focado no estudo da cidade e sua relação regional, tratando de um caso moçambicano, Tunex da Conceição Neves, Victória Manuel Moisés Dumpua e João Carlos Mendes Lima nos oferece o estudo “desenvolvimento urbano e cidade: contexto e práticas da integração regional da cidade de Chimoio, Moçambique”. A condução do trabalho é focada no conceito de urbano e sustentabilidade, tomando como exemplo de estudo a cidade de Chimoio em seu contexto regional face aos novos desafios que se registam, incluindo também os agentes e seus respectivos papéis na requalificação urbana rumo a sustentabilidade. Os autores defendem que a cidade de Chimoio, devido suas características urbanas, pode ser “a chave para o planejamento do seu crescimento quanti-qualitativo, num contexto de desenvolvimento regional, sob sua influência”.

Tratando-se ainda da oportunidade de conhecermos parte da realidade do continente africano, especialmente Moçambique, Sérgio de Melo Doce Taibo e Helion Póvoa Neto abordam o caso da “relação entre migração e extrativismo artesanal nos países em desenvolvimento” naquele país. Os autores deixam claro que o extrativismo artesanal é uma atividade praticada desde o período pré-colonial, mas que passou por mudanças significativas com atração de megaprojetos de capitais multinacionais, convertendo a atividade extrativa em atrativa para diferentes imigrantes. Nessa pesquisa os autores objetivaram analisar a relação entre migração e o extrativismo praticado pelas populações locais e seus reflexos no desenvolvimento local, apurando como resultados que “há uma relação entre a migração e extrativismo artesanal na medida em que os megaprojetos vão despertando as enormes riquezas mineiras que o país possui, constituindo um atrativo aos migrantes e, criando espaços de mão-de-obra local em áreas adjacentes”.

Como resultado de sua dissertação de mestrado apresentada junto à pós-graduação em Desenvolvimento e Meio ambiente da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Milena Barros Gomes nos leva a conhecer o “espaço de transições: três décadas de Nova Petrolândia pós-barragem de Itaparica”. Neste estudo a pesquisadora visou analisar as relações de trabalho no contexto da reconfiguração rural-urbana pós-construção da barragem de Itaparica. A autora aponta como resultado de sua pesquisa que “as formas de trabalho no campo



foram ‘atualizadas’ para um modo que agrega mais tecnologia e, teoricamente, mais acesso e oportunidades pelo ‘novo’ contexto ambiental da área com a implementação da irrigação. No entanto, continuou-se a conservar velhas hierarquias e relações de poder que acentuam as desigualdades inerentes ao mundo economicamente globalizado”.

Aluízio Bezerra Júnior, Josiel de Alencar Guedes e Agassiel de Medeiros Alves coloca à disposição do público leitor da Revista GeoSertões um estudo que trata de identificar, caracterizar e mapear os componentes do meio físico-natural do reservatório Caiçara, município de Marcelino Vieira, Alto Oeste do Rio Grande do Norte. Para esses pesquisadores do estudo “caracterização geoambiental do reservatório Caiçara e sua bacia de drenagem (RN/Brasil), “a compreensão das unidades geoambientais contribuem, na escala trabalhada, para a gestão e gerenciamento do reservatório visando ao desenvolvimento sustentável desse hidrossistema”.

O artigo “entre emoções e afetos na geografia: uma imersão no município de Solidão, Pernambuco”, de autoria de Augusto Rodrigo Bezerra da Silva e Caio Augusto Amorim Maciel, visou chamar atenção para a possibilidade de ler o mundo, numa perspectiva geográfica que inclua o relacional e percepção, por intermédio de questões emocionais. A construção do artigo dar-se como um relato de experiência que buscou identificar as emoções que o município de Solidão-PE, no Sertão do Pajeú, despertou em alunos participantes do projeto “UFPE No Meu Quintal”. Os autores, revelam que “as emoções e sentimentos vinculados ao município de Solidão consistiriam em admiração, anseio, surpresa, alegria, angústia e satisfação. As falas dos estudantes sobre os moradores destacaram características como acolhimento, humildade, humanidade, empatia, simpatia e solidariedade, o que aponta afetividade. Sentimentos ultrapassaram as experiências interpessoais, sendo revelados em espaços de vivência emocional”.

Roseane Richele de Medeiros e Diego Salomão Candido de Oliveira Salvador, nos conduz a pensar sobre a geografia escolar, mais precisamente estudando o saber religião nos livros didáticos de geografia. A pesquisa empírica envolveu professores de Geografia no Ensino Médio nas escolas públicas da cidade de Caicó – RN, cuja produção do espaço foi e é influenciada pela religião. Esses autores chegam a considerar que “as abordagens desses conteúdos vêm sendo pouco profunda, deixando lacunas que possibilitam ou tornam premente uma melhor discussão do saber religião no ensino de Geografia, por meio do esforço docente”.

Estes são os artigos disponibilizados ao nosso público leitor da **Revista GeoSertões**. São textos e contextos diversos que, esperamos, possibilite leituras reflexivas e fecundos debates.

Boa leitura!

Santiago Andrade Vasconcelos – Editor-gerente e Editor da **Revista GeoSertões**



Artigos

Artigos

Artigos